

Na Alorna há um sol essencial e um acessório. E ambos dão lucro

negócios

JORNAL

www.negocios.pt

MIGUEL PRADO
miguelprado@negocios.pt
PEDRO ELIAS
Fotografia

Avasta área que a Quinta da Alorna ocupa, às portas de Almeirim, 90 quilómetros a Norte de Lisboa, tem uma multiplicidade de espaços e usos. Para todos eles se pede, na equipa de gestão, que haja não apenas chuva, para irrigar as culturas, mas também sol, para as amadurecer. De lá saem milho, ervilhas, batatas e amendoins que acabam nas embalagens de marcas bem conhecidas do consumidor final, como a Matutano e a Bonduelle. São 500 hectares de área agrícola, dentro de 2.800 hectares de área total da Quinta da Alorna.

Aqui, o sol é essencial para que a produção seja bem sucedida. E, em certa medida, para que as uvas, nos seus 220 hectares, dêem bom vinho. Mas na tricentenária quinta - em bom rigor só completará 300 anos em 2023 - há mais usos para o sol do que nas culturas que hão-de ir parar ao supermercado. Em Fevereiro deste ano a Quinta da Alorna inaugurou uma pequena instalação fotovoltaica, ocupando 1.500 metros quadrados, num investimento de 108 mil euros. O sistema, fornecido pela luso-belga Ikaros Hemera, proporcionará um retorno médio anual de 15%.

Pedro Lufinha, director-geral da Sociedade Agrícola da Alorna, explica que o que motivou o investimento não foi propriamente a descoberta de um negócio da China. A Quinta da Alorna já apresenta, há vários anos, resultados líquidos positivos. O parque fotovoltaico permitirá uma receita adicional à sociedade (detida pela família Lopo de Carvalho), mas com impacto residual no seu volume de negócios, que ascende a seis milhões de euros por ano.

"Começámos a pensar nisto essencialmente a nível ambiental, por uma questão de sustentabilidade. Há muitos países para os quais vendemos em que é exigido que haja esta orientação para o aumento da sustentabilidade de ano para ano", explica Pedro Lufinha. Claro que

também houve um racional económico: o capital investido estará recuperado ao fim de cinco anos. Mas com a legislação que o Governo acaba de aprovar os retornos das pequenas instalações fotovoltaicas irão arrear-se para "paybacks" de oito a dez anos. Nesta condição a Quinta da Alorna voltaria a investir na energia solar? "Claramente que não. Este investimento não é o nosso 'core business'", explica Pedro Lufinha.

Além da sustentabilidade há uma outra razão para a Quinta da Alorna ter procurado o seu "lugar ao sol": a rentabilização de terrenos inutilizados. Nas áreas servidas por "pivots" de rega há cantos de terra que ficam sem aproveitamento agrícola, onde pode fazer sentido instalar painéis solares. E a quinta ribatejana já contratou com terceiros o uso de alguns desses terrenos, recebendo uma fracção do rendimento da electricidade, sem precisar de fazer o investimento.

Um modelo a continuar

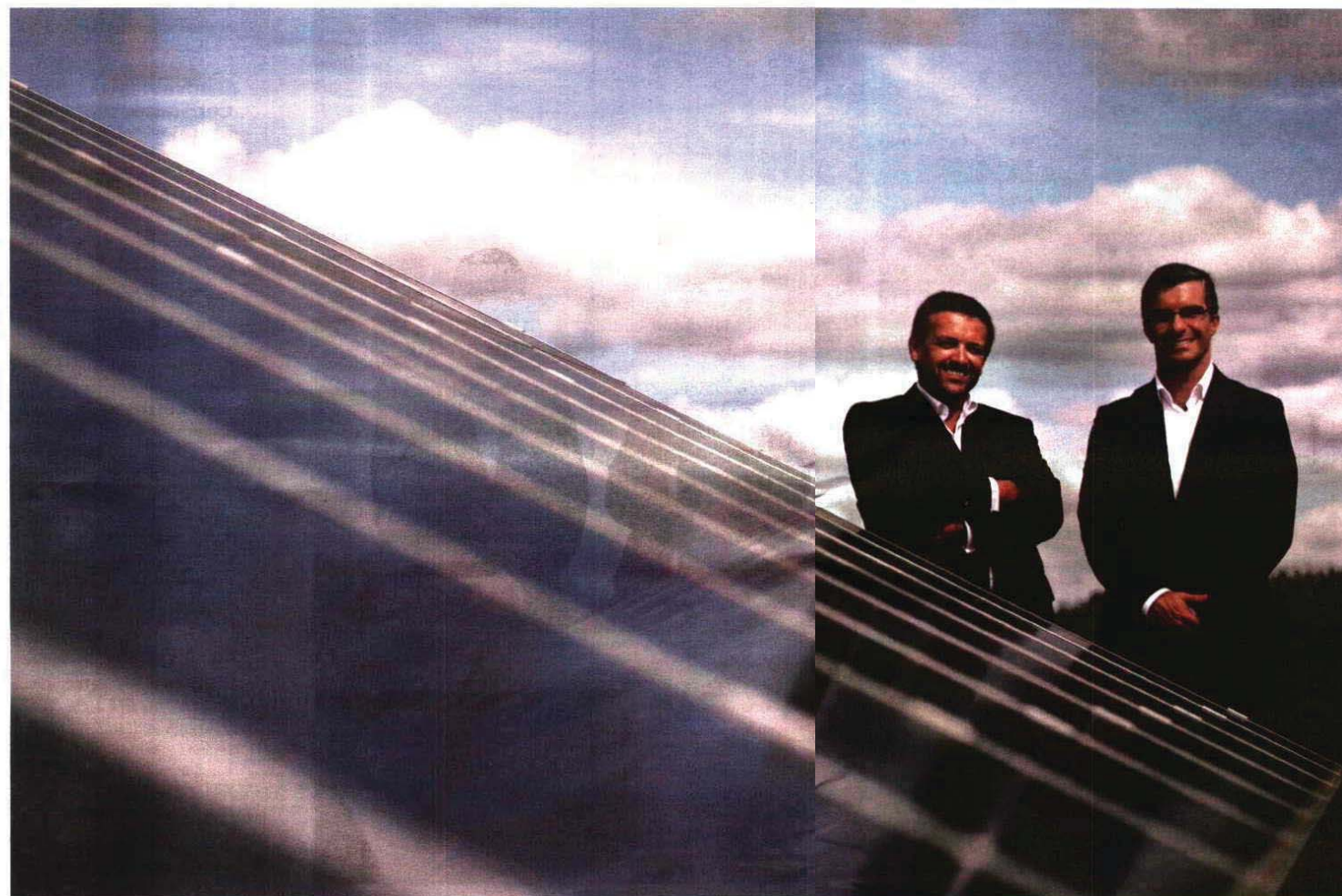
A Ikaros Hemera está a intermediar este negócio: procura investidores, procura proprietários de terrenos livres e fornece os painéis solares. Ganham as três partes. "Claramente é um modelo para continuar a fazer", refere Duarte Caro de Sousa, director-geral da Ikaros Hemera.

A empresa, que tem entre os seus sócios Miguel Pais do Amaral, pretende este ano chegar a 3 milhões de euros na captação de investimentos para projectos solares em terrenos alheios. Desse montante, 20%

“

A energia solar não é o nosso "core business". Se passássemos o "payback" para 10 anos claramente não tínhamos feito o investimento.

PEDRO LUFINHA
Director-geral da Sociedade Agrícola da Alorna



Pedro Lufinha, da Quinta da Alorna, e Duarte Caro de Sousa, da Ikaros Hemera, dizem estar satisfeitos com a parceria: além de vinho, milho e outras culturas, a Alorna está a produzir energia solar. A receita é residual, mas ajuda a rentabilizar os terrenos. E serve como rótulo de sustentabilidade.

Com 108 mil euros, a Quinta da Alorna pôs a render área inutilizada na tricentenária propriedade em Almeirim. Mas o racional de investir na energia solar já mudou.

está em projectos já a funcionar e 50% em parques em construção.

Do acessório ao essencial

Feitas as contas, o sistema solar da Quinta da Alorna factura apenas 10% dos custos energéticos da empresa. "O 'chiller' da adega tem um consumo energético louco", desabafa Pedro Lufinha.

O gestor entrou na Quinta da Alorna em 2010, pouco depois de a família Lopo de Carvalho ter decidido profissionalizar a gestão (deixando de ter administradores com funções executivas). Agora a produzir, os painéis solares estão longe de ser uma preocupação para Pedro Lufinha. Na Alorna as

dores de cabeça do dia-a-dia passam mais por saber quando fazer a vindima. Ou quantas barricas de carvalho comprar. Cada uma delas custa entre 550 e 1.200 euros. O que torna mais caro o fabrico de alguns dos vinhos.

A administração da Alorna está a par. Reúne-se mensalmente com a equipa de gestão. E sabe que, no essencial, continuará a precisar do sol para manter vivo o património agrícola e florestal (são 1.900 hectares de sobreiro, pinheiro manso e eucalipto), há cinco gerações na família Lopo de Carvalho. "A sociedade agrícola é a dona disto tudo", graceja Pedro Lufinha. Há já muito tempo que assim é. ■